

A EFETIVIDADE DA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO DESENVOLVIMENTO MOTOR EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

RESUMO

Indivíduos com Síndrome de Down apresentam desempenho inconsistente e impreciso, assim, o ensino da Educação Física para crianças com necessidades especiais visa a educação, o fortalecimento físico, a adaptação social e acaba funcionando como exercícios terapêuticos, a fim de possibilitar às crianças a base para a escolaridade. O objetivo desse estudo é destacar a contribuição do profissional de Educação Física no desenvolvimento motor em crianças com Síndrome de Down. Foram feitas buscas nas bases de dados Scielo, Pubmed, Lilacs. Incluídos artigos com foco na prática da educação física por crianças com Síndrome de Down, as necessidades e características dessas crianças, além da importância e melhora do desenvolvimento motor. Foram excluídos artigos que tratassem de outras síndromes. Dentre todos os dez estudos analisados, observou-se as diferenças de desenvolvimento motor nas crianças com Síndrome de Down, se comparadas com as normais, além de resultados significativos para prática da educação física no desenvolvimento motor.

Palavras-chave: Educação Física, Síndrome de Down, Desenvolvimento Motor.

ABSTRACT

Individuals with Down Syndrome have inconsistent and imprecise performance, so teaching of Physical Education for children with special needs aims a education, physical strengthening, social adaptation and ends up functioning as therapeutic exercises, in order to enable children the basis for schooling. The purpose of this study is to highlight the contribution of Physical Education professionals in motor development in children with Down Syndrome. We searched the databases Scielo, Pubmed, Lilacs. Including articles focusing on the practice of physical education by children with Down Syndrome, the needs and characteristics of these children, in addition to the importance and improvement of motor development. Articles dealing with other syndromes were excluded. Among all the ten studies analyzed, differences in motor development were observed in children with Down syndrome, compared to normal ones, in addition to significant results for the practice of physical education in motor development.

Keywords: Physical Education, Down Syndrome, Motor Development.

INTRODUÇÃO

Os primeiros estudos diferenciando as pessoas com Síndrome de Down, começaram no século XIX, com o cientista inglês John Langdon Hydon Down. Até então, esses deficientes eram vistos como um grupo homogêneo e assim tratados e medicados (SILVA; FERREIRA, 2001).

A Síndrome de Down caracteriza-se por uma alteração cromossômica, na qual os indivíduos apresentam, no seu cariótipo, 47 cromossomos, sendo que a anomalia acontece no cromossomo 21. Geralmente, essa anomalia é diagnosticada ao nascimento ou logo depois, por conta das características físicas (PINTO, 2013).

As deficiências comuns são hipotonia, problemas cardíacos e deficiências auditivas e visuais (DOLVA; MARGARETA; HEMMINGSSON, 2007). Sabe-se que o progresso do desenvolvimento de lactentes e crianças pequenas com Síndrome de Down é adiado tanto em relação ao seu desenvolvimento motor como mental (VOLMAN *et al.*, 2007), maior tempo para engatinhar, sentar-se e andar (FURLAN *et al.*, 2008). No âmbito do domínio motor, é sugerido que eles são mais lentos, apresentam menor consistência em tarefas de precisão, bem como, se desenvolvem de maneira atrasada (GIMENEZ; STEFANONI; BUTTARO, 2007).

Reconhecidamente, indivíduos com Síndrome de Down apresentam desempenho inconsistente e impreciso em tarefas que envolvem habilidades motoras que impliquem a necessidade de ajustar as ações de um ou mais segmentos corporais com um objeto, pessoa, ou evento do ambiente que esteja em mudança (GIMENEZ; STEFANONI; BUTTARO, 2007).

Por esse motivo é importante que se estimule desde muito cedo esses indivíduos, auxiliando-os no desenvolvimento de interesses e habilidades necessários para a realização de atividades físicas (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008), além de gerar maior independência motora, tendo condições para correr e brincar e possa exercitar sua motricidade global (PINTO, 2013).

Para Volman *et al.* (2007), sendo a escola que define a direção da carreira escolar de uma criança, em um processo que começa com anos de antecedência, a Constituição Federal Brasileira de 1988 define que a educação é direito de todos, e o dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1988).

Devemos considerar de grande importância os estudos na área da Educação Física adaptada, já que os exercícios físicos representam um papel importante no desenvolvimento global do indivíduo (SILVA; FERREIRA, 2001). Atualmente, vê-se que a educação especial adaptada tem mostrado progressos em sua evolução histórica quanto à questão político-social, proporcionando novos encaminhamentos à pessoa deficiente, com intuito de promover o indivíduo, respeitando suas igualdades e diferenças no contexto social (ORNELAS, 2001).

A fase mais importante do desenvolvimento motor se encontra na infância, a qual é denominada fase das habilidades motoras fundamentais, e é quando o profissional

de Educação Física tem maior chance de trabalhar com as crianças (ISAYAMA, 1998).

O ensino da Educação Física para crianças com necessidades especiais visa a educação, o fortalecimento físico, a adaptação social utilizando exercícios terapêuticos, a fim de possibilitar às crianças a base para a escolaridade (SILVA; FERREIRA, 2001).

Com bases nos resultados dos estudos citados acima, torna-se possível questionar sobre a carência dos professores de educação física na fundamentação para trabalharem junto a indivíduos portadores de deficiência. Além da escassez de estudos relacionados especificamente às crianças com Síndrome de Down.

As dificuldades dos professores de Educação Física se apresentem na intervenção com indivíduos com Síndrome de Down, dessa forma, o objetivo desse estudo é destacar a contribuição do profissional de Educação Física no desenvolvimento motor em crianças com Síndrome de Down.

MÉTODO

Para a elaboração deste trabalho foram feitas buscas nas bases de dados Scielo, Pubmed, Lilacs, nas línguas portuguesa e inglesa, com as palavras-chave "Educação Física", "Síndrome de Down", "Desenvolvimento Motor", "Physical Education", "Down Syndrome", "Motor Development". A princípio, a seleção dos artigos foi feita a partir dos títulos, em seguida pelos resumos, até a leitura dos textos completos. No total foram encontrados 35 estudos, sendo que 5 foram excluídos a partir do título, logo após 11 foram excluídos após a leitura do resumo, e finalmente, os últimos estudos foram excluídos após a leitura do texto completo. Chegando ao resultado final de 11 estudos, nos quais as crianças com Síndrome de Down foram o foco da pesquisa. Foram incluídos neste estudo artigos com foco na prática da educação física por crianças com síndrome de Down, as necessidades e características dessas crianças, além da importância e melhora do desenvolvimento motor. Foram excluídos artigos que tratassem de outras síndromes.

DESENVOLVIMENTO

Verificou-se que a maioria dos estudos utilizou projetos experimentais semelhantes, sendo analisada a eficácia da intervenção precoce para crianças com Síndrome de Down. A revisão desses estudos revela que a intervenção precoce é realmente um meio de antecipar marcos motores, principalmente da função motora grossa como a marcha. Através dos resultados, é possível verificar mudanças positivas no desenvolvimento motor, vista como capacidade indispensável para o desenvolvimento integral da criança (BERTAPELLI *et al.*, 2007).

Silva e Ferreira (2001), avaliaram os níveis de coordenação motora em crianças com Síndrome de Down, com idade entre seis e dez anos, desenvolvendo um programa de atividades sistematizadas com o grupo avaliado. Essas atividades práticas, na forma de aulas de Educação Física, desenvolvidas visando diretamente as habilidades motoras, foram aplicadas duas vezes por semana, durante quatro meses, com o objetivo de promover e desenvolver a coordenação corporal. Durante o teste de "caminhar para trás nas traves", houve uma maior segurança na realização após o desenvolvimento do programa

estabelecido, além do progresso no desenvolvimento dos saltos monopodais, confirmando uma melhoria da qualidade adquirida.

É importante observar no estudo acima se os resultados foram positivos somente pela melhora das habilidades motoras, ou se houve viés no desenvolvimento do estudo, com base no raciocínio de que a execução realizada durante meses, repetidamente, de determinada ação ou atividade, faz com que qualquer pessoa fique bem treinada e seja capaz de melhorar sua capacidade de execução, enquanto para outras atividades ela permaneça insuficiente ou incapaz de realizar. Por isso a importância da aplicação de questionários com pais ou responsáveis, pois esses convivem diariamente com as crianças, o que os possibilita relatar se houve ou não melhora no dia-a-dia.

Seguindo esse raciocínio, Volman *et al.* (2007) avaliou sessenta e cinco crianças com Síndrome de Down, seguindo a seguinte ordem: primeiro o GFB ("Gross-Vorm Bord", capacidade mental de desempenho) foi avaliado, depois o Movimento-ABC (mede destreza manual, 3 itens, habilidades de bola, 2 itens e saldo 3 itens e, finalmente, a entrevista PEDI (Avaliação pediátrica do inventário de incapacidade) com um dos pais. As crianças com Síndrome de Down apresentaram limitações nas habilidades funcionais, em particular para o domínio do autocuidado e da função social, enquanto a mobilidade era relativamente boa.

A variabilidade interindividual nas habilidades funcionais foi grande, o que pode estar relacionado com a intervenção precoce dos professores de educação física, pais, terapeutas e o meio em que essas crianças se desenvolvem, sendo que os estímulos são fortes determinantes para a evolução das habilidades funcionais.

O PEDI teste também foi utilizado em outro estudo, em crianças com 7 anos de idade com Síndrome de Down, que objetivou investigar a relação entre habilidades de desenvolvimento funcional de crianças com Síndrome de Down e a idade de ingresso no ensino fundamental básico, mostrou que a conscientização sobre as habilidades de desempenho culturalmente influenciadas pode dar direção aos pais e profissionais em áreas de orientação nos anos pré-escolares que possam ajudar a promover a educação dessas crianças para a escola, impedindo o adiamento do ingresso dessas crianças na fase escolar primária (DOLVA; MARGARETA; HEMMINGSSON, 2007).

Para Mancini (2003), aos dois anos de idade, existem diferenças entre crianças normais e com Síndrome de Down nas áreas de habilidades funcionais, entretanto, aos 5 anos de idade, diferenças significativas entre os dois grupos foi observada somente nas habilidades de autocuidado e de função social. Esses resultados demonstram que o desempenho funcional de crianças com síndrome de Down é inferior ao de crianças normais.

Essa diferença entre as áreas de habilidades funcionais aos 2 anos, entre crianças normais e com Síndrome de Down, e aos 5 anos de idade, nas habilidades de autocuidado e de função social pode ser justificada pela diferença de necessidades entre crianças de dois e cinco anos, afinal, aos cinco anos, as crianças necessitam de muito mais habilidades em detrimento das exigências da sociedade, pois começam a aprender o autocuidado, aprendem a se alimentar sozinhos, o que aos dois anos ainda não é necessário. Além disso, é importante destacar a importância de se conhecer as fases de desenvolvimento da criança normal, de acordo com a faixa etária. Assim, é possível observar a variedade de habilidades motoras a se trabalhar com as crianças com Síndrome de Down.

Pinto (2013), realizou uma coleta de dados com crianças de oito anos de idade portadoras da síndrome, feita em etapas; na primeira fase, houve o contato com a coordenadora responsável pelas atividades motoras das crianças, prestando-se esclarecimentos necessários acerca dos objetivos e importância da pesquisa. Na segunda fase, foram aplicados os testes. Como instrumento de medida, foi elaborado um circuito, com atividades de equilíbrio, coordenação motora, percepção de espaço e de tempo, baseando-se no Manual de Avaliação Motora. Os resultados demonstraram que as crianças com Síndrome de Down têm dificuldades em relação à organização e sensações referentes a seu esquema corporal (PINTO, 2013).

A partir dos resultados de Pinto (2013), o presente estudo discute sobre a importância de se respeitar as fases de desenvolvimento da criança, procurando elaborar propostas de atividades de acordo com o seu desenvolvimento.

No que diz respeito às medidas de desempenho, sobretudo nas tarefas de rebater e de sincronização temporal, os dados sugerem uma dificuldade por parte dos indivíduos portadores da Síndrome de Down em antecipar e responder adequadamente nas tarefas motoras com grande demanda temporal. Em especial, essas dificuldades podem estar associadas a peculiaridades de ordem estrutural da Síndrome de Down. Dentre elas, é possível destacar a presença de um cerebelo menor (GIMENEZ; STEFANONI; BUTTARO, 2007). Em razão de sua condição diferenciada, muitas vezes, indivíduos com Síndrome de Down são privados da participação numa série de atividades motoras típicas do contexto escolar e cultural de indivíduos normais. O que dificulta ainda mais o desenvolvimento da criança.

Para Maia (2008), uma maneira bem eficiente de se trabalhar a dança com os indivíduos com Síndrome de Down é utilizar a dança educacional recreativa. Avaliou-se a sensibilidade rítmica, o controle corporal, a dinâmica de movimentos, o uso do espaço, as ideias geradas de movimentos e a responsividade à música, em que o nível de coordenação motora foi avaliado pelo teste de dança: Atividades de Movimentos Criativos do Projeto Spectrum de Barrow & McGreen. Após a realização dos testes comparamos os grupos, de crianças que dançam com o outro grupo e os resultados demonstram que a prática da dança em crianças com Síndrome de Down realmente oferece índices melhores de desenvolvimento motor. O mesmo ocorreu no estudo Furlan, Moreira e Rodrigues (2008) que justificou que a estimulação do aparelho locomotor desde cedo é muito importante, principalmente em crianças com Síndrome de Down, devido suas limitações motoras.

A Educação Física para a criança deficiente exige trabalho diferenciado, específico e intencionado, com alta dosagem de dedicação por parte do professor, a fim de que seja orientada dentro dos limites de capacidade dos educandos, objetivando obter rendimento capaz de levá-la a trabalhar com gosto nesta atividade que lhe é benéfica.

Sendo o professor a peça fundamental no trabalho de adequação e vivência. Ele deve definir os objetivos a serem alcançados, criando um processo de ensino-aprendizagem, no qual deve avaliar a situação, a condição dos alunos com os quais pretende trabalhar, e dispor de recursos que propiciem aperfeiçoamento a seus alunos (ORNELAS *et al.*, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre crianças com Síndrome de Down, é possível perceber que as elas necessitam de estímulos, baseados nos períodos do desenvolvimento infantil. Dessa forma, a partir do presente estudo foi possível concluir que o profissional de Educação Física tem fundamental importância no desenvolvimento motor das crianças com Síndrome de Down, pois elaboram planos de ensino inclusivos e facilitadores, para que essas possam se desenvolver de forma a explorar e vivenciar as suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

BERTAPELLI, F; SILVA, F.F; COSTA, L.T; GORLA, J.I. Desempenho motor de crianças com Síndrome de Down: uma revisão sistemática. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, v.29, n.4, p.280-284, 2011.

DOLVA, A; MARGARETA, L; HEMMINGSSON, H. Functional Performance Characteristics Associated With Postponing Elementary School Entry Among Children With Down Syndrome. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.61, n.4, Julho/Agosto, 2007.

FURLAN, S; MOREIRA, V; RODRIGUES, G. Esquema corporal em indivíduos com síndrome de down: uma análise down: uma análise: uma análise através da dança através da dança. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.7, n.3, p.235-243, 2008.

GIMENEZ, R; STEFANONI, F.F; BUTTARO, P.F. Relação Entre a Capacidade de Sincronização Temporal e os Padrões Fundamentais de Movimento Rebrater e Receber em Indivíduos com e sem Síndrome de Down. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v.15, n.3, p. 95-101, 2007.

ISAYAMA, H.F; GALLARDO, J.S.P. Desenvolvimento motor: análise dos estudos brasileiros sobre habilidades motoras fundamentais. **Revista da educação física/UEM**, v. 9, n.1, p.75-82, 1998.

MAIA, A.V; BOFF, S.R. A influência da dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com síndrome de down. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 6, ed. especial, p.144-154, julho/2008.

MANCINI, M.C; SILVA, P.C; GONÇALVES, S.R; MARTINS, S.M. Comparação do desempenho funcional de crianças portadoras de síndrome de down e crianças com desenvolvimento normal aos 2 e 5 anos de idade. **Arquivo Neuropsiquiatria**, v.61, n.2-B, p.409-415, 2003.

ORNELAS, M.A; SOUZA, C. A contribuição do profissional de educação física na estimulação essencial em crianças com síndrome de down. **Revista da Educação Física/UEM**, v.12, n.1, p.77-88, 2001.

PINTO, S.M. A educação física como promoção do desenvolvimento psicomotor em crianças portadoras da síndrome de Down. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v.1, n.37, Julho/Setembro 2013.

SILVA, R.D; FERREIRA, S.J. Intervenções na educação física em crianças com síndrome de down. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 12, n. 1, p. 69-76, 2001.

VOLMAN, M; MICHIEL, J; VISSER, W; LENSVELT-MULDERS, G. Functional status in 5 to 7-year-old children with Down syndrome in relation to motor ability and performance mental ability. **Disability and Rehabilitation**, v. 29, n.1, p. 25 – 31, Janeiro/ 2007.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=430-constituicao-de-1988&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192 (Acesso em 12/09/2017).

